



## ITAGUAÍ E SERAFIM, CIDADES EM TEMPOS DE DITADURA: HISTÓRIAS INSANAS EM MACHADO DE ASSIS E NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Nelson Tomelin Jr.\*

Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Manaus

[nelsontomelin@yahoo.com.br](mailto:nelsontomelin@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Pensando a cidade a partir do conto *O alienista* (1882), de Machado de Assis, e do filme *Azyllo muito louco* (1970), de Nelson Pereira dos Santos, o presente artigo busca também discutir práticas de tratamento em saúde mental na história. Essas obras, imaginadas e realizadas em momentos de violência social nada branda, período final do Império e recrudescimento da repressão e censura praticadas no Brasil desde o golpe de 1964, ampliam possibilidades de reflexão no debate histórico sobre cidades e saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** O alienista – Azyllo muito louco – Ditadura – Saúde.

## ITAGUAÍ AND SERAFIM, CITIES IN TIMES OF DICTATORSHIP: INSANE STORIES IN MACHADO DE ASSIS AND NELSON PEREIRA DOS SANTOS

**ABSTRACT:** Thinking the city from the short story *The alienist* (1882), Machado de Assis, and the movie *Crazy Azyllo* (1970), by Nelson Pereira dos Santos, this article also discuss search mental health treatment practices in history. These works, devised and performed in times of social violence nothing bland, final period of the Empire and intensification of repression and censorship practiced in Brazil since the coup of 64, extend opportunities for reflection on the historical debate about cities and health.

**KEYWORDS:** The Alienist – Very Crazy Azyllo – Dictatorship – Health.

---

\* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto na graduação e na pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – Manaus/AM. O presente artigo é versão ampliada de discussões propostas no âmbito de simpósios temáticos sobre cinema e história da ANPUH, em encontros estaduais e nacionais dos últimos quatro anos, recuperando ainda pesquisas realizadas por conta da elaboração de tese de doutoramento. Cf. TOMELIN Jr., Nelson. **A Cultura da Loucura na Cidade: O planejamento da velhice saudável e a esperança que falou** (São Paulo 1940/2005). 2008. 281 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, FFLCH/Departamento de História. Universidade de São Paulo. 2008.

Os hospícios se caracterizam por uma nítida divisão entre os que têm e os que não têm poder, sendo sua base constitutiva o desrespeito e a exclusão. Nise da Silveira, psiquiatra que evidenciou a possibilidade de vozes críticas em seu meio profissional, em depoimento para o documentário **Imagens do Inconsciente** (1983/1887), de Leon Hirszman, dizia que sentia muito por nunca lhe terem perguntado onde se achavam as pessoas que tinham pintado os belos quadros expostos no Museu de Imagens do Inconsciente, pois queria poder responder que se encontravam “nos tristes lugares chamados hospitais psiquiátricos”. Franco Basaglia, médico italiano que igualmente promoveu experiências democráticas concretas dentro desses espaços, os definiu como “instituições da violência”.<sup>1</sup> Assim, dizia o italiano que o mais importante como perspectiva inicial de qualquer tratamento é despertar no homem e na mulher submetidos ao descaso asilar “um sentimento de oposição ao poder que até agora o determinou e institucionalizou, antes mesmo de construir em torno dele o espaço acolhedor e humano do qual também ele necessita”.<sup>2</sup> Segundo o psiquiatra, as forças pessoais de reação, criação e conflito preenchem o vazio emocional imposto pelo asilamento aos internos, sendo mesmo “o único ponto de apoio possível para sua reabilitação: sua agressividade”.<sup>3</sup> Destinos diversos tiveram as histórias que seguem.

Raymundo, vinte e três anos de idade, é internado no Hospital Psiquiátrico Pinel, na cidade de São Paulo, em 13 de abril de 1945, dentre outros motivos, porque “tinha muito sono e o seu maior desejo era não trabalhar e sim ir ao cinema e levantar tarde”. Segue seu primeiro exame psíquico na instituição:

Paciente em boas condições físicas. Apresenta-se ao exame calmo, um tanto tímido e reservado. Orientado quanto a si e parcialmente no tempo. Compreende bem, expressando-se de maneira simples e em voz baixa. Atenção um tanto diminuída, notando-se tendência a interiorização. Memória sem alterações grosseiras. Mostra carência de espontaneidade ideativa. Associa satisfatoriamente às idéias. É vítima de alucinações auditivas. Atitude e iniciativa diminuída. Risos imotivados. Denota pouco interesse pelo ambiente, mostrando-se pouco social e reservado. Não procura trabalhar passando a maior parte do tempo no pateo isolado dos demais pacientes. “Diz que trabalhou como ajudante de alfaiate em Mandaqui. Tinha muito sono e o seu maior desejo era não trabalhar e sim ir ao cinema e levantar tarde.”(sic)

---

<sup>1</sup> BASAGLIA, Franco. **A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico**. 2 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985, p. 101.

<sup>2</sup> Ibid., p. 116.

<sup>3</sup> Ibid.

Freqüentou até o 3º ano do Grupo Escolar. Nega ter abusado de bebidas alcoólicas.

Exame de líquido e sangue negativos para Lúes. Como nos faltam informes estranhos aos do paciente limitamos o atual exame a constatar as suas condições atuais. O seu comportamento no 4º pavilhão tem sido bom. Vamos iniciar o seu tratamento pela convulsoterapia pelo cardiazol endovenoso, Método de Von Meduna. Diagnóstico: Esquizofrênico.<sup>4</sup>

Evidencia-se a motivação social para o internamento de Raymundo, como tratamento para a vontade expressa de não trabalhar tanto, frequentar mais os cinemas e poder dormir com tranquilidade. Difícil localizar motivos médicos razoáveis nesse exame clínico. Surpreendente o diagnóstico de esquizofrenia, brutal o seu encaminhamento às sessões de choques convulsoterápicos.

Antonio, “branco” (nesse meio a caracterização de raça vem para diferenciar dos negros, a maioria), com dezoito anos na sua primeira internação, em 11 de junho de 1945, é encaminhado ao Pínel por motivos muito semelhantes aos de Raymundo. À pergunta referente à manifestação de “idéias extravagantes”, sabemos pelo irmão que “freqüentava cinemas, voltava tarde da noite, andava com amigos extravagantes”.<sup>5</sup> Além disso, numa grande proximidade de detalhes com o caso acima, menciona o irmão certo “comportamento nervoso” e mesmo “desânimo para o trabalho”. E continua o prontuário, supostamente pelas declarações do familiar:

um domingo ele sai contente de casa e volta muito agitado e nervoso falando certas cousas, de namorada, disse que queria casar com esta moça e que trabalhava para sustentar ela, mas falava muito nervoso com ar expressivo. E depois emudeceu, não falou mais nada e só apontava para a parede com ar sinistro e brusco. Diagnóstico: Esquizofrenia.<sup>6</sup>

Não se sabe da duração desse primeiro internamento, apenas anotando-se o retorno de Antonio para uma segunda hospitalização, em 13 de maio de 1972, quando estava com 44 anos de idade. Também falta a informação de que tenha recebido alta dessa última vez. Tão pouco ficou observado nessas páginas, além do irreversível diagnóstico,<sup>7</sup> o tratamento recebido pelo interno. É necessário ler nas “lacunas” desses prontuários uma

---

<sup>4</sup> TOMELIN Jr., Nelson. **A Cultura da Loucura na Cidade: O planejamento da velhice saudável e a esperança que falou** (São Paulo 1940/2005). 2008. 281 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, FFLCH/Departamento de História. Universidade de São Paulo. 2008, f. 48.

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Ibid., f. 49.

<sup>7</sup> Mal incurável, de acordo com a ciência psiquiátrica.

sistemática cuidadosa. Não se trata de falta de organização, mas antes da presença de um pressuposto desorganizador que existe de modo competente nesses documentos, a ideologia como uma positividade.<sup>8</sup>

Naum, vinte e cinco anos, teve sua internação no Hospital Psiquiátrico Pinel requerida pelo pai, em 3 de maio de 1945. Seguem as primeiras anotações em seu prontuário:

Causa da moléstia: excesso de masturbação. Começa a ir mal nos estudos, chegando a abandoná-los, iniciando uma vida boêmia, permanecendo até altas horas da noite ausente de sua residência e, dormindo no período diário. Iniciou então a sua insubordinação e desobediência aos pais, que por vezes viam-se ameaçados de agressão pelo mesmo. Esteve internado por duas vezes na Colônia Jacarepaguá, e uma vez em Juquery e por duas vezes no Instituto Bierrembach, em Campinas, não tendo terminado o seu tratamento pelo fato de que sempre o abandonava por não se adaptar ao mesmo. Com sua permanência no Instituto Bierrembach de Castro, criou grande aversão pelas injeções de Cardiazol, pois ao observar a aplicação das mesmas nos outros enfermos, horrorizava-se com os resultados.<sup>9</sup>

A internação e o choque, para tratamento da vida boêmia e noturna, cura do conseqüente cansaço no período da tarde, fim da insubordinação e inconformidade para os estudos. A “grande aversão” que sentia Naum com a aplicação de convulsoterapia por cardiazol em outros enfermos, do que “horrorizava-se com os resultados”, no manicômio é produzida como medo e método punitivo, como que um alerta. O caso de Naum é um clássico da atenção psiquiátrica dedicada às práticas onanistas. Como lembra Foucault, sobre as origens históricas das campanhas antimasturbatórias na Europa no fim do século XVIII e início do XIX, do domínio do autoerotismo e da masturbação começam a surgir outras causalidades médicas e patogênicas, pelo que “a sexualidade vai permitir explicar tudo o que, de outro modo, não é explicável”.<sup>10</sup> No Brasil, a masturbação motiva controles específicos já a partir da metade do século XIX, sobretudo nas escolas, onde era vista como mal contagioso, podendo provocar a tísica, a epilepsia, a hipocondria, a flegmasia

---

<sup>8</sup> Cf. CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

<sup>9</sup> TOMELIN Jr., Nelson. *A Cultura da Loucura na Cidade: O planejamento da velhice saudável e a esperança que falou* (São Paulo 1940/2005). 2008. 281 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, FFLCH/Departamento de História. Universidade de São Paulo. 2008, p. 50.

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 306.

crônica de todos os órgãos, a loucura, a morte.<sup>11</sup> Os desdobramentos e expectativas sociais frente a esse mal tão temido colocavam quaisquer desviantes do comportamento moralmente esperado sob a mira do poder médico, podendo alcançar, por extensão, o conseqüente internamento psiquiátrico.

Doutor Simão Bacamarte, personagem do conto **O alienista** de Machado de Assis, é homem do mesmo período histórico de que fala Foucault. As práticas de Padre Simão, personagem livremente adaptado a partir daquela obra literária para o filme **Asylo muito louco** de Nelson Pereira dos Santos, na década de 70, fazem pensar sobre perspectivas históricas da ditadura civil-militar de 1964. As trajetórias de ambos, como representações de momentos diferentes da história, não deixam, contudo, de sugerir críticas sobre o tempo presente, e instituições que permanecem vivas. Manicômio, igreja, literatura e cinema, cada qual a sua maneira, implicando uns a prática da violência, e outros a busca da liberdade, comportam ideias extravagantes, das quais soube se apropriar a nossa sociedade dividida em classes para viabilizar exclusões no plano político e cultural, não sem implicar saúde, por vezes, ao ponto mesmo do derretimento de qualquer prévia segurança social-psicológica. E nesse sentido, discutir o direito à cultura no presente, de ainda inúmeras exclusões ao direito à cidadania cultural, é luta política na superação de velhos e duradouros traços da sociedade autoritária brasileira.<sup>12</sup>

### **SOBRE HISTÓRIA E SAÚDE, A PARTIR DA LITERATURA, DO CINEMA, E DE OUTRAS PRÁTICAS POLÍTICAS**

Na abertura da 8ª Conferência Nacional de Saúde (1986), evento que teve importância histórica por consolidar um longo ciclo de participação social em torno da criação da lei do SUS (Sistema Único de Saúde), Sérgio Arouca<sup>13</sup> lembrou o episódio em que, numa cidade do interior do Paraná, por ocasião de uma Comissão de Saúde que se

<sup>11</sup> MACHADO, Roberto; LOUREIRO, A.; LUZ, R. e MURICY, K. **Danação da Norma: Medicina Social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal, 1978, p. 304.

<sup>12</sup> Sobre esse tema, conferir as seguintes obras de Marilena Chauí: CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986; \_\_\_\_\_. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. \_\_\_\_\_. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 10 ed. São Paulo, Cortez, 2003. E dela, com outros autores: CHAUI, Marilena de S.; CANDIDO, Antonio; ABRAMO, Lelia e MOSTAÇO, Edélcio. **Política cultural**. São Paulo, Mercado Aberto, 1985.

<sup>13</sup> AROUCA, Sérgio. **Discurso de Abertura da 8ª Conferência Nacional de Saúde**. Brasília, Ministério da Saúde, 1986. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZBhZ\\_iCufus](https://www.youtube.com/watch?v=ZBhZ_iCufus). Acessado em: 18.03.2015.

reunia a partir de um trabalho da Secretaria de Saúde daquele estado, um camponês havia chegado ao microfone e dito o seguinte: “saúde é a possibilidade de trabalhar e ter acesso à terra”. O assunto enfrentado por Sérgio Arouca, como eco às preocupações daquela Conferência, girava em torno da questão de que seria a democracia o pressuposto inicial para que se consolidasse uma ampla política pública de saúde em nosso país, pois que saúde pressupõe participação popular na gestão de serviços e definição de estratégias de ação e prioridades. Então, o tema da saúde aí debatido começava a ganhar uma dimensão muito maior do que uma questão médica, ou como ausência de doença, igualando-se mesmo à noção de qualidade de vida, nem sempre alcançada, mas ao menos desejada, como então lembra Arouca. Da luta pela saúde, que naquele momento se afirmava como luta por direitos, sobretudo o direito à política, ao trabalho, à cidade, disputa mais do que urgente dado o período de ditadura civil-militar nada branda que se buscava ultrapassar, se afirmaram os movimentos sociais da área ampliando o sentido de saúde como também sendo a ausência de medo. Assim, saúde passa a ser também ausência de medo, pois que é condição de viver e relacionar-se com o mundo que advém da garantia de darmos a nós mesmos os objetivos que precisamos perseguir, a fim de alcançarmos a nossa felicidade, vivendo e pensando nossa própria existência.

De modo que saúde, como direito de todos, pressupõe o direito garantido a todos os cidadãos de participarem dos processos históricos de formação social, e como dever do Estado, implica a garantia dessa participação, pois que poder participar é ter direito ao Estado. Assim, o que procurava efetivamente a 8ª CNS, no seu esforço de rediscutir o curso das políticas públicas na área da saúde, era refundar o Estado brasileiro, consolidar o direito à cidadania, haja vista que o que se buscava garantir era o direito à cidade, e como tal, o direito a reproduzir-se no campo das relações sociais, com qualidade de vida, morando e comendo condignamente, vestindo e brincando os sentidos todos conquistados pela cultura e, sobretudo, aprendendo a aprender juntos, o que já a democracia experienciada na 8ª CNS dava prova de ser possível. Não havendo, nem podendo haver assim, como princípio de garantia do direito à saúde, nada que não possam todos saber e compartilhar, ou que o aprendizado reforce ou enseje relações de hierarquia e de poder, nem trabalho que (“de cada um segundo suas capacidades, e a cada um conforme suas necessidades”)<sup>14</sup> não alcancem todos exercer. Assim, saúde passa a ser o direito ao tempo

---

<sup>14</sup> MARX, Karl **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012, p. 33.

próprio, o direito ao lazer, à cultura como um modo inteiro de criar o mundo que se sonha, e dele ter experiência. Daí a universalidade de acesso, a integralidade e equidade da assistência, a descentralização político-administrativa, o poder local, e então, a participação, que como luta política inventa a cidade como um lugar de todos.

Importantes esclarecimentos sobre temáticas dos direitos humanos e das contradições sociais são oportunizadas pela literatura e pelo cinema, fontes que, problematizadas, têm diversificado vozes no debate e enfrentamento político na produção do conhecimento histórico,<sup>15</sup> evidenciando possibilidades de diálogo entre períodos diferentes da nossa história.<sup>16</sup> São esses, espaços de aprendizado que podem contribuir para o questionamento de perspectivas da sociedade de classes, evidenciando-se como dimensões constitutivas do social, ampliando o campo da pesquisa em história, do ensino, e da participação nesse meio. Buscando acompanhar o diálogo ampliado proposto pela historiadora Déa Ribeiro Fenelon, queremos neste artigo, a partir de preocupações sobre saúde e história que são nossas e do presente em que temos a experiência dessa reflexão, “retomar um sentido de patrimônio histórico que nos permita entendê-lo como prática social e cultural de diversos e múltiplos agentes. No social, esta luta se concretiza entre diferentes sujeitos históricos, assumindo formas diversas e resultando em diferentes memórias”.<sup>17</sup> É também nesse sentido que entendemos as obras aqui discutidas, de Machado de Assis e de Nelson Pereira dos Santos, como importante diálogo histórico desses autores com o tempo e os sujeitos sociais do momento em que realizaram esses seus trabalhos, num movimento crítico que não cessa no tempo presente.

## A ITAGUAÍ D’O ALIENISTA

---

<sup>15</sup> Como referências de pesquisa nesse campo, conforme, entre outros: BERNARDET, Jean-Claude e RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.; FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. (Org.). **História – novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.; SILVA, Marcos e RAMOS, Alcides Freire. (Org.). **Ver história: o ensino vai aos filmes**. São Paulo: Hucitec, 2011.; SILVA, Thiago de Faria e. Os cps e as favelas: entre a arte e a política. in: **Fênix. Revista de história e estudos culturais**, vol. 11, ano XI, n. 1, jan-jun, 2014.

<sup>16</sup> Cf. CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Cia das Letras, 2003 e SILVA, Marcos A. da. Cenas do cinema brasileiro: Nelson Pereira dos Santos. In: SILVA, Marcos A. da (org.) **Brasil, 1964/1968: a ditadura já era ditadura**. São Paulo: LCTE Editora, 2006.

<sup>17</sup> FENELON, Déa Ribeiro. Políticas culturais e patrimônio histórico. In: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania** / DPH. São Paulo: DPH, 1992, p. 31.

O conto de Machado de Assis, reunido na coletânea **Papéis Avulsos** (1882), após já ter sido publicado pela revista carioca **A Estação: Jornal ilustrado para a família**, entre outubro de 1881 e março de 1882,<sup>18</sup> é a história de uma cidade, Itaguaí, que com a chegada do médico Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra, tem o curso dos seus dias alterado de modo global. É a cidade personagem central n’**O alienista**. O destino de Simão Bacamarte está marcado por esse pleito histórico que é a sua naturalidade. Nascido em Itaguaí, e daí ausente por alguns anos a fim de cumprir sua formação em Medicina na corte portuguesa, o homem rejeita o concurso real para a sua permanência naquele país, declinando da promessa de cargos e demais honrarias, carreira que lhe daria respeito e mesmo um sentido de vocação, mas que não alcançava o sentimento de afeto que dedicava à cidade natal. “A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo”.<sup>19</sup>

No primeiro capítulo do conto, quando sabemos “De como Itaguaí ganhou uma casa de orates”, é quando também somos informados do primeiro fracasso de Simão Bacamarte como médico do corpo. A esposa D. Evarista, viúva, “não bonita nem simpática”, e desaconselhada por um experiente tio “caçador de pacas perante o Eterno”, é cientificamente escolhida para o matrimônio, e desejados fins reprodutivos, por ser mulher jovem e que reunia “condições fisiológica e anatômicas de primeira ordem”, pois que “digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista”.<sup>20</sup> À beleza não fazia gosto, e mesmo da ausência desse traço nas feições de sua D. Evarista, entendia um sinal de graça divina, “porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte”.<sup>21</sup> Contudo, a sua desgraça foi lhe terem desenganado as certezas precisamente esses cálculos, matemática e ciência que haviam de lhe garantir a felicidade. “D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos”. Consultou a comunidade científica, aconselhando-se nas universidades italianas e alemãs; aprofundou-se no estudo da matéria e releitura dos escritores árabes que conhecera em Portugal; do que recomendou à esposa tratamento por precisos regimes alimentares e esperou. À

---

<sup>18</sup> Sobre relações discursivas no que se refere à publicação do conto nesse periódico, Cf. TEIXEIRA, Ivan. Uma leitura de *O Alienista*. in: **Revista da USP**, São Paulo, n.77, p. 149-169, março/maio 2008, p. 152.

<sup>19</sup> ASSIS, Machado de. **O alienista**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1985, p.9.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Ibid.

resistência de D. Evarista, “explicável, mas inqualificável, devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes”.<sup>22</sup>

A partir desse momento, o doutor assumirá outras práticas e derivações para o seu ofício de cientista. A ciência de Simão Bacamarte será a ciência da cidade e se consolidará pelas relações que travar nesse espaço. Assim, como médico, desiludido das suas impotências na cura do corpo – precisamente aquele que lhe pertencia como a um nobre as rendas da terra –, o Dr. Bacamarte se imiscuirá da alma, “o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral”. E valendo-se ideologicamente da invisibilidade própria desse campo, o anímico e o psicológico, Simão Bacamarte alcança a materialidade que buscava, a cidade natal. O médico acorre com eloquência à Câmara, e com o apoio da vereança conquista a criação de um novo imposto a fim de subsidiar seus projetos, matéria não fácil de decidir quando “tudo estava tributado em Itaguaí”.<sup>23</sup> Se Paul Valéry afirmou que o mais profundo é a pele, por sua vez provará Simão Bacamarte que esse mais profundo ainda estaria por vir, na Rua Nova da sua cidade natal, “a mais bela rua de Itaguaí naquele tempo”. Preliminarmente engendradas as articulações históricas daquele novo poder sobre os homens por devidos ritos administrativos de governo,

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam verdes em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias.<sup>24</sup>

Simão Bacamarte é um reformador da cidade, na medida em que será nesse espaço que se justificarão seus arroubos científicos. A inauguração da Casa Verde é um evento na província, e uma nova cultura em Itaguaí, com suas cinquenta janelas por lado, nunca antes nessa cor, pátio no centro, e, a despeito da enormidade do projeto, mesmo para os padrões atuais, numerosos cubículos para os hóspedes. O mais profundo não seria então outra coisa senão Itaguaí, onde a fundação da Casa Verde cumpre o tempo da criação mítica, festejada em sete dias de comemorações públicas. A casa de orates representa assim a reinvenção da cidade, e como novidade, seu festejo se inscreve no processo histórico, como memória e cultura. Ao fim e ao cabo, é Itaguaí preparada para receber o manicômio, que emprestará renovados sentidos àquela experiência social de

---

<sup>22</sup> ASSIS, Machado de. **O alienista**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1985, p.10.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p.11.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p.12.

cidade, tanto quanto se explica pelas possibilidades daquela formação histórica específica, mas não ilhada no tempo, haja vista seus projetos serem compartilhados pela compreensão homenajeosa das “vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro”.

Itaguaí (dimensão alegórica de um Rio em fim de século) é a cidade da experiência de Machado de Assis, escritor que nos acompanha na virada do século evidenciando os sujeitos históricos que se notabilizariam na república vindoura, “moderna”. A casa de orates não seria apenas o esforço de “meter todos os doidos dentro da mesma casa”, projeto que escandalizou a voz isolada de um “digno magistrado” da vereança do Império, como que a repelir os processos históricos em curso (“a Casa Verde é um cárcere privado, disse um médico sem clínica”).<sup>25</sup> Resistências à formação de novos sentidos, ecoados ainda por outros dignos itaguaienses, compõem narrativa que evidencia a formação de um novo modo de produção, o capitalismo. Na linha dessa análise, observa Raymond Williams que nenhum modo de produção se estabelece sem que uma cultura seja destruída,<sup>26</sup> somando nova compreensão para o que Marx e Engels expuseram acerca da ideologia alemã ao afirmarem que todo modo de produção é antes um modo de reprodução da vida.<sup>27</sup> A Casa Verde não apenas seria o esforço de arregimentar os doidos de Itaguaí, mas daria os critérios do normal e do anormal, recompondo mesmo o quadro da elite local, compreensível em um processo histórico de interposição de balizas sociais à conquista da liberdade que os movimentos sociais da escravidão punham às portas da cidade (no tempo de Machado).<sup>28</sup> A invenção do “trabalho livre” se explica num espaço social de disputas e contradições, tanto quanto o advento manicomial se esclarece no quadro de formação humana que a sociedade de classes do modo de produção capitalista consolida na república brasileira. Na Itaguaí do final do Império, essa história se anuncia.

---

<sup>25</sup> ASSIS, Machado de. **O alienista**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1985, p.26.

<sup>26</sup> WILLIAMS, Raymond. Quando foi o modernismo? In: **Revista Margem Esquerda**, n.6, set. 2005, São Paulo, 2005.

<sup>27</sup> MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. (1845-1846). São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

<sup>28</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Cia da Letras, 1996. Sobre o assunto acrescenta o autor que “o tempo dos cortiços no Rio foi também o tempo da intensificação das lutas dos negros pela liberdade, e isto provavelmente teve a ver com a histeria do poder público contra tais habitações” Cf.: *Ibid.*, p. 29.

Sidney Chalhoub, em **Cidade Febril**, observa perspectivas históricas na ideologia do planejamento, a qual se constitui entre nós com contornos mais demarcados na virada do XIX para o XX a partir das reformas urbanas e tratamento dedicado aos surtos epidêmicos daquele momento, quando “a alegação de ‘cientificidade’, de neutralidade nas decisões administrativas, traz sempre em seu cerne a violência contra a cidadania”.<sup>29</sup> Machado de Assis, em **O alienista**, enxerga ainda outras contradições históricas de classe por trás da ciência, e de suas razões, ambientando problematizações semelhantes pelo tema do irracional, da loucura, do que eventualmente denominaríamos de imaterial (sem descuidar de esforços necessários de superação de dicotomias nesse campo, como o faz o autor do conto). As epidemias devem ser analisadas historicamente, pois que não se manifestam independentemente de contradições no meio histórico e social do trabalho. A lepra, a peste bubônica, a febre amarela, são realidades históricas na medida em que se expressam em grupos sociais sempre determinados e, na maior parte das vezes, vulneráveis quanto às possibilidades de resistência física e psíquica em uma vida de agravos sociais e políticos. É no quadro e processo de formação das instituições em que nos realizamos, e realizamos o mundo histórico, que essas epidemias são observadas, analisadas e encaminhadas como tratamento social. As soluções dadas dentro de uma miríade de opções de cuidados nunca deixaram de garantir à parcela dos acometidos por esses males, o estrato social mais pobre, tratamento indigno e violento. Por isso, essas doenças não trazem apenas a marca das dores e mazelas físicas de um mal orgânico, pois, mesmo esse mal, soube se manifestar, diferentemente, entre ricos e despossuídos, quando são também a expressão de uma conjuntura social e política desigual. Também assim compreendemos dimensões da lógica do sofrimento psíquico, por um estudo das contradições da nossa sociedade de classes, quando a definição de quem são os loucos não escapa de disputas históricas em campo de injustiças sociais e econômicas.

Ao que sabemos, pelas “crônicas da vila” da Machado, Simão Bacamarte se faz médico das almas em Itaguaí, cuja vereança, dentre “outros pecados de que é arguida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes”.<sup>30</sup> Precavendo-nos de eventuais

---

<sup>29</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Cia da Letras, 1996, p. 58.

<sup>30</sup> ASSIS, Machado de. **O alienista**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1985, p.10.

arroubos hiperempíricos,<sup>31</sup> sabe-se desde Thompson, quando este o soube pela experiência da pesquisa e pelo enfrentamento político do conhecimento histórico em frentes populares,<sup>32</sup> que a compreensão do fazer-se da história é um contradiscurso à divisão ideológica entre teoria e prática, pensamento e práxis social, e, como bem o observou Marx, entre planejamento e execução. E é nesse fazer-se da cidade alienista de Simão, quando se pôde enfim, e com propósitos já antecipados, observar o descabido de cada doido furioso ser trancado em um cubículo na própria casa, “até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida”, ao passo que os mansos quedavam-se à solta pelas ruas, que o médico “entendeu desde logo reformar tão ruim costume”.<sup>33</sup> A devoção à cura vem dessa divisão entre furiosos e mansos, ampliação histórica do campo de ação da medicina, quando a rua precisa enfim ser reformada dos hábitos e comportamentos. O Dr. Bacamarte, assumindo a demanda do seu tempo,

pediu licença à câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí e das demais vilas e cidades, mediante um estipêndio, que a câmara lhe daria quando a família do enfermo o não pudesse fazer. A proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus.<sup>34</sup>

O negócio de Bacamarte permite a exigência de contrapartida financeira pelo poder público, haja vista não serem apenas seus os benefícios daí decorrentes. Aos que aí se aliam, a aceitação irrestrita da nova cultura, aos que se opõem, o eventual “diagnóstico” da “maldade” com o próximo. Desse último recurso nosológico não deixará de lançar mão o dito cientista, pelo que disputará no campo da política e da história as sempre contingentes resistências. Como dirá o vereador, que não acreditava na empresa do médico, acerca das dificuldades quanto à definição da tabela de aplicação do aparentemente estapafúrdio imposto dos penachos dos cavalos dos enterros, proposta da vereança a fim de financiar o projeto alienista, “os cálculos não são precisos porque o Dr. Bacamarte não arranja nada”.<sup>35</sup> A falta de precisão, aos olhos do magistrado, era também

---

<sup>31</sup> SCHWARZ, Bill. Patrimônio histórico e cidadania: a experiência inglesa. in: **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania** / DPH. São Paulo: DPH, 1992.

<sup>32</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. (3 vols.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>33</sup> ASSIS, 1985, op.cit., p.10.

<sup>34</sup> Ibid., p.10.

<sup>35</sup> ASSIS, Machado de. **O alienista**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1985, p.11.

falta de necessidade. Porém enganou-se, “o médico arranjou tudo”, sobretudo a demanda. A loucura, bem como a cultura do seu tratamento, seria reinventada naquela cidade. Além da nova Itaguaí, o futuro seguro e condigno, a prosperidade de Simão Bacamarte: “Deus! Eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados; dobrões sobre dobrões; era a opulência”.<sup>36</sup>

O estipêndio votado pela Câmara, bem como os custos repassados aos familiares dos internos, soube deles abrir mão o alienista quando o fomento à continuidade do projeto da Casa Verde (“essa Bastilha da razão humana”)<sup>37</sup> já não eram apenas os cofres públicos que mantinham, mas a economia inteira que animava o lugar. E daí o iniludível, a rebelião a fim de cortar pela raiz o grande mal, o terror das finanças privadas desgovernadas pela assunção de um único ente privado como imagem e realidade do poder público, o tirano Dr. Bacamarte. E a petição ao governo para que fosse capturado e deportado aparece pelas ideias afiadas de Porfírio, o barbeiro.

Note-se – e essa é uma das laudas mais puras desta sombria história – note-se que o Porfírio, desde que a Casa Verde começara a povoar-se tão extraordinariamente, viu crescerem-lhe os lucros pela aplicação assídua de sanguessugas que dali lhe pediam; mas o interesse particular, dizia ele, deve ceder ao interesse público. E acrescentava: — é preciso derrubar o tirano! Note-se mais que ele soltou esse grito justamente no dia em que Simão Bacamarte fizera recolher à Casa Verde um homem que trazia com ele uma demanda, o Coelho.<sup>38</sup>

E a tal demanda, que Coelho e Porfírio traziam juntos, “acerca de uns chãos de vila, era filha da obscuridade de um alvará”. Padre Lopes, conhecedor dos trâmites obscuros de um alvará no Império e inimigo de Coelho, resume o desafeto ao recordar a passagem em que Dante Alighieri na Divina Comédia conta os suplícios no inferno de dois traidores políticos. No canto XXXIII (1-3) narra o poeta italiano a cena de um conde apenado a roer eternamente a nuca de um arcebispo de Pisa: “*La bocca sollevò dal fiero pasto quel peccator, forbendola a' capelli del capo ch'elli avea di retro guasto*”.<sup>39</sup> No

---

<sup>36</sup> Ibid., p.17. O médico não esconde a riqueza, envia esposa e parente para uma viagem ao Rio de Janeiro, jornada certamente custosa, como receava a própria cômputo, e bem o reconheceu a vila inteira ao acompanhar a comitiva de mais de quatorze pessoas, entre pajens e mucamas de D.Evarista, além de sua acompanhante Cesária, esposa do boticário Crispim Soares.

<sup>37</sup> Ibid., p.31.

<sup>38</sup> Ibid., p.29.

<sup>39</sup> “A boca levantou do vil repasto aquela alma, limpando-a no cabelo do crânio que ela havia por trás já gasto”. Cf.: ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. (3 vols). 2 ed. Tradução de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 217.

conto de Machado, o sentimento de ódio aliado à resignação civil do padre, igualmente senhor de chãos e propriedades, modifica os versos inspiradores, fazendo com que o Coelho, antes de peccator, apareça como um chato, mas entre aspas, um “*seccatore*”.<sup>40</sup>

## UMA CIRANDA MUITO LOUCA NA SERAFIM DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Realizado em 1970, como adaptação livre d’**O alienista**, o filme **Azylo muito louco**,<sup>41</sup> dirigido por Nelson Pereira dos Santos (com fotografia de Dib Lufti), retoma essas temáticas pelo recurso às alegorias oportunas<sup>42</sup> ao enfrentamento da repressão nada branda que então se vivia no Brasil, alcançando, nas palavras de Marcos Silva, em entrevista com o diretor, uma “objetividade possível naquele momento”.<sup>43</sup>

No filme, médico e padre se fundem numa mesma personagem (com destacada interpretação do ator Nildo Parente). Simão Bacamarte é a ética e a moral inteiras, ilustre padre-doutor, pastor de almas e médico da gente, tendo como intenção maior o de que

---

<sup>40</sup> Ainda outros esclarecimentos sobre o que se sugere pela referência ao poema nessa passagem se explicitam no filme **Azylo muito louco** de Nelson Pereira dos Santos (1970), quando o juiz é chamado a explicar uma ilegalidade em torno de um suposto “sobrado do conde”, em que se favorecera o Porfírio Caldas em detrimento de Crispim Soares.

Padre Simão: “— Houve ou não houve falcatrua nesse negócio?”.

Sr. Juiz: “— Ora, nem é bem assim. Entre o Sr. Porfírio e o Dr. Crispim, de que lado se inclinaria a justiça?” Cf.: **AZYLO muito louco**. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil: Ipanema films, 1970. 1 filme (100min), aproximadamente minuto 49

<sup>41</sup> **Azylo muito louco** (Brasil). 1970. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Assistente de direção: Luiz Carlos Lacerda. Roteiro: Nelson Pereira dos Santos, em adaptação livre d’*O alienista* de Machado de Assis. Música: Guilherme Magalhães Vaz. Fotografia: Dib Lufti. Assistente de Fotografia: Rogério Noel. Fotografia de cena: Marco Fernando Botino. Cenografia: Luiz Carlos Ripper. Operadores de Som: Arduino Colasanti e Nelson Pereira dos Santos Filho. Costureiro: Fernando Bedê. Roupeiros: Maria de Barros, Olga Silvino, Alba Alvarenga. Artefatos de Couro: Walter José Figueira. Eletricista: Sandoval Dôrea. Motoristas: Kleber de Castro e Gelson Rosendo. Montagem: Rafael Valverde. Assistente de Montagem: Carlos Alberto Camuyrano. Títulos e apresentações: Surtan. Produção: R. F. Farias, L. C. Barreto, Cesar Thedim. Produtores associados: João Medrado Dias e Roberto de Castro. Diretor de Produção: Irênio Marques Filho. Assistente de Produção: Francisco Nunes, João José da Silva, Mario Soares Filho. Assistentes de direção e continuidade: Luiz Carlos Lacerda e Carlos Alberto Camuyrano. Laboratório: Lider Cinematografica Ltda. Elenco: Isabel Ribeiro (Dona Evarista), Nildo Parente (Padre Simão), Arduino Colasanti (Porfírio), Irene Stephania (Luizinha), Manfredo Colasanti (Juiz), Nelson Dantas (Sacristão), Ana Maria Magalhães, José Kleber Martins (Crispim Soares), Gabriel Archanjo (Capitão), Luiz Carlos Lacerda, Roberto Ferreira, Roberto de Castro, Antonio Carlos Portela, Antonio Vidal, Roberto Delachame, Marco Fernando Botino, João José, José Paulo Gibrail, e o povo de Paraty. Participação Especial: Leila Diniz (Eudóxia). 79 minutos. Colorido.

<sup>42</sup> Cf. BURKE, Peter. A história como alegoria. In: **Estudos Avançados**, vol. 9, n. 25, São Paulo, set-dez, 1995 CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

<sup>43</sup> SILVA, Marcos A. da. Cenas do cinema brasileiro: Nelson Pereira dos Santos. In: SILVA, Marcos A. da (org.) **Brasil, 1964/1968: a ditadura já era ditadura**. São Paulo: LCTE Editora, 2006, p. 15.

sua igreja não seja nem mais nem menos do que a rua: “essa igreja inaugura, esse é o meu pressentimento, um novo culto. Quero ser visto mais tempo fora da igreja do que dentro dela. A catequese meus filhos, transformará esta cidade toda numa só igreja”. Bacamarte cuidará, então, “da mente humana, como um operário de almas”.<sup>44</sup>

Assim, como primeira medida, Simão põe a cidade de joelhos a confessar seus pecados e, sobretudo, seus segredos. É enorme a fila ante o padre sentado em suntuosa cadeira no centro de um grande salão, extrapolando pela exposição que lhe empresta a cena o recolhimento do confessionário tradicional, sempre à lateral dos templos católicos, quando os padres falam aos penitentes ocultos por pequenas cabines, expostos os pecadores na circulação por esses espaços. Padre-doutor Simão não tem segredos, ou antes, evidencia que todos os segredos agora deverão ser publicamente expostos.<sup>45</sup> O manicômio é pequeno para as suas pretensões, que desde o início superam interesses científicos. A cidade de Serafim é seu alvo, não apenas o poder eclesiástico ou as pompas do saber clínico. A sua clínica será a rua. E desde as primeiras cenas de **Azylo muito louco**, Simão Bacamarte caminha.

Interessante observar o discurso de Bacamarte no púlpito da igreja quando diz serem veneráveis os doidos, por não terem juízo, logo, inimputáveis quanto aos seus pecados. No conto, merecerá a ideia lugar destacado, no frontispício da própria Casa Verde. O Simão Bacamarte de Machado, “grande arabista”, alcança esse entendimento lendo o Corão, contudo, atribui o pensamento a Benedito VIII, o que o livra de eventuais desentendimentos com o bispo e com o vigário, de quem “tinha medo”.<sup>46</sup> Contemporização estratégica para um médico no Império, mas irrelevante para o padre-doutor de um **Azylo muito louco** realizado em período difícil de ditadura civil-militar no país. O padre Simão, de Nelson Pereira dos Santos, tem ao seu lado o discurso do trabalho, como historicidade que evidencia o propósito dos seus atos, tanto quanto se conforma a partir da experiência das suas caminhadas por uma Serafim incapaz de criticar

---

<sup>44</sup> **AZYLO muito louco**. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil: Ipanema films, 1970. 1 filme (100min), aproximadamente minuto 07

<sup>45</sup> Sobre relações teóricas entre o estudo dos temas do segredo, da confissão, da burocracia e da ideologia, no campo do saber, eventualmente psicanalítico, e do poder, do estado, Cf. DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O anti-édipo, capitalismo e esquizofrenia**. 4 ed. Lisboa: Alvim & Assírio, 1966; FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 16 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997 e TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e Ideologia**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.

<sup>46</sup> ASSIS, Machado de. **O alienista**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1985, p.11.

aqueles que se doam a tal moral. Desde o início do filme, padre Simão “trabalha”. E o seu trabalho, como projeto social, tem o valor “inquestionável” de implicar o trabalho dos outros. A obra de caridade representada na edificação da Casa Verde de Serafim, diferentemente daquela de Itaguaí, convoca a todos os cidadãos à doação, como um corpo social indistinto. E, assim, o que temos é a sociedade civil responsável, imagem plena da ideologia que Nelson Pereira dos Santos sabe tão perfeitamente servir ao ocultamento da sociedade de classes: “Contribuam para as obras do Asilo da Casa Verde. Aceitamos contribuições. Ajudem os seus irmãos dementes, contribuindo para as obras do asilo da Casa Verde”. E o mais importante: “qualquer contribuição, qualquer coisa”.<sup>47</sup> No filme, os recursos advém da aliança com a governança local, na figura de D. Evarista (interpretada por Isabel Ribeiro), como a rica esposa de Porfírio (no papel o ator Arduino Colasanti), mas não sem o concurso da doação, fundamental na gestão da sociedade civil como entidade abstrata, movida por interesses elevados, o *ethos* como filantropia empresarial.

O movimento de caridade, pelas lentes de Nelson Pereira dos Santos, aparece por sentidos capitalistas, quando ultrapassa um suposto sentimento cristão sem história e alcança perspectivas de uma fé que então *marcha* em apoio ao golpe (tais como as cenas de cortejo em direção ao hospício). Não custa lembrar que ONGs, fundações e organizações sociais (OSs), sempre em pauta nas políticas neoliberais pro-privatização, apenas alcançam a maturidade, leia-se o acesso às dotações orçamentárias públicas de grande vulto, se estimulam a doação, e mais aprimoradamente, a doação de si, o voluntariado. O caso de Costa, sobrinho de D. João V que distribuindo toda a fortuna herdada, empobrece, é precisamente evidenciado pelo diretor do filme sob a ótica dessa moral. Em visita ao tal louco, padre Simão flagra momento de não recomendáveis doações, e inquire as pessoas, perguntando-lhes o porquê daquela permissividade: “o que esperam, por que não trabalham, esperam um milagre?”.<sup>48</sup> Se Costa é recluso no manicômio da Itaguaí de Machado por não cuidar das nobres diferenças que o distinguem dos seus pobres credores, na Serafim de Nelson merecerá esse destino por descuidar do fato de que a uns apenas é dado o benefício da vida se acaso trabalharem para isso, enquanto que a outros, por direito de herança, a vida deve estar mais do que garantida.

---

<sup>47</sup> **AZYLLO muito louco.** Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil: Ipanema films, 1970. 1 filme (100min), aproximadamente minuto 09.

<sup>48</sup> *Ibid.*, aproximadamente minuto 23.

Por essa distinção política para extrações sociais desiguais, em **Azylo muito louco** destacam-se papéis diferenciados para homens e mulheres negras em espaços de trabalho na cidade, na Igreja e no manicômio, evidenciando exclusões por práticas racistas de segregação social, como na escravidão, que no tempo de realização do filme, em 1970, eram vivas no plano das divisões da sociedade, da exploração da mão-de-obra, da prática da tortura, inclusive em manicômios, pela violência policial em favelas<sup>49</sup> e nos presídios, dimensões da desigualdade social que ainda hoje devem ser continuamente enfrentadas.<sup>50</sup>

A cidade fílmica de Serafim foi pensada artisticamente a partir da experiência da nossa atual sociedade de classes. A cultura é seu alvo como projeto de dominação. Quando no filme se abrem os portões do recém inaugurado manicômio, é a cidade inteira, seus poderes e estratos sociais que a ele acorrem em procissão. Os que primeiro alcançam o grande pórtico são homens reunidos em festa, como se fizessem parte de um reisado, anunciando que mudanças na cultura estariam por vir. E por último, os loucos, distinguíveis pela sobriedade, e por serem recebidos sob aplausos. Dessa sequência, o que se evidencia é o hospício e a ciência como obras históricas que implicam modos de vida e costumes.

No conto de Machado de Assis, a Casa Verde se confunde com a própria Itaguaí, quando quatro quintos da população ali se encontravam internos como loucos. Numa reviravolta de pressupostos, o cientista os põe todos na rua. Acontecia de observar que a loucura estava em ser demasiadamente normal, aceitando-se como saudável e exemplar o desequilíbrio das faculdades. Alojados por grupos, foram então recolhidos aqueles em quem predominasse a modéstia, a tolerância, o ser verdadeiro, leal, símplice, magnânimo, sagaz, sincero, etc. Sendo imediatamente administrado como terapêutica a esses novos internos, o contrário desses comportamentos.

---

<sup>49</sup> O cineasta Eduardo Coutinho, em o Fio da Memória (1991), entrevista moradores da periferia do Rio de Janeiro, que vítimas da brutalidade da polícia, são amarrados pelo pescoço em episódio que lembra práticas sociais da escravidão. Registrado em imagem fotográfica, o evento será recuperado por movimentos sociais de homens e mulheres negras, daquele tempo e de agora, na luta pela liberdade.

<sup>50</sup> A publicação em 27/03/2001 do Projeto de Lei n.º 3.657-D, de 1989, “a lei antimanicomial”, representou uma enorme conquista na direção de uma sociedade sem manicômios. Porém, em nenhum de seus atuais 13 artigos, fica definido o fim das instituições manicomiais no Brasil, nem mesmo a proibição de longas internações nesses espaços. Se em algum parágrafo se declara isso, é porque da leitura de um seguinte se pode encontrar a jurisprudência necessária para o contrário. Prova disso é a Portaria 469/GM de 16/04/2001, promulgada menos de um mês depois, e que sob a chancela do então ministro José Serra fixa uma parcela anual de R\$ 39.578.108,00 a ser distribuída entre todas as Unidades Federadas para a criação de novos leitos em hospitais psiquiátricos.

Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas, – graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala para restituir a razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc.<sup>51</sup>

O sucesso do médico Simão Bacamarte é notório, e a cura alcança a todos, exceto a si próprio, o alienista, pois que em si encontra as características do perfeito equilíbrio mental e moral, a paciência, a perseverança, a sagacidade, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, “todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto”.<sup>52</sup> A si próprio se interna.

Desfecho diverso tem o filme. Sublevada a revolução de Porfírio e rendida a Casa Verde, o que se propõe ao padre Simão é a tranquilidade, cuidando-se da loucura do povo aos poucos, “em doses suaves, a fim de não provocar a indisciplina e a subversão”, nas palavras do líder revoltoso, a busca pela “paz, todo mundo trabalhando para mim em paz”.<sup>53</sup>

Considerado o comportamento normal e exemplar o que demonstrava desequilíbrio das faculdades, Padre Simão repõe às ruas o quarto quinto da população de Serafim que se encontrava reclusa na Casa Verde, “gente sem nome, nem posse”, cuja anormalidade advinha de sua conduta, “subordinada a uma fixação, empobrecer”.<sup>54</sup> Às ruas e à labuta os pobres, os homens sem nome nem posse, os trabalhadores.<sup>55</sup> Fica, assim, restabelecida, a paz do Sr. Porfírio. E ainda: da hipótese patológica, com a finalidade de tratar dos casos e comportamentos em que o equilíbrio se manifesta ininterrupto, Padre Simão propõe a internação imediata da “minoridade que não quer enriquecer, porque já não se considera pobre”, numa “experiência menos dispendiosa, pois não são muitos os

---

<sup>51</sup> ASSIS, Machado de. **O alienista**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1985, p.51.

<sup>52</sup> Ibid., p.54.

<sup>53</sup> **AZYLLLO muito louco**. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil: Ipanema films, 1970. 1 filme (100min), aproximadamente minuto 40

<sup>54</sup> Ibid., aproximadamente minuto 42

<sup>55</sup> Em comentário sobre **Azylllo muito louco**, Nelson Pereira dos Santos observa a clareza de comparações ali traçadas com o “momento do golpe, da ditadura, o *nonsense* das relações políticas e como sempre, quem paga o pato são os que não têm condições de participar do poder” (Entrevista de 7 de abril de 2004. in: SILVA, Marcos A. da. Cenas do cinema brasileiro: Nelson Pereira dos Santos. in: SILVA, Marcos A. da (org.) **Brasil, 1964/1968: a ditadura já era ditadura**. São Paulo: LCTE Editora, 2006, p. 15.).

doentes, e por isso mesmo mais tranqüila”<sup>56</sup> o que vai igualmente ao encontro do projeto de “paz” do líder revoltoso. Do hospício é feito um local de contemplação e ócio, inclusive com cenário que reproduz interiores e costumes burgueses, com as camisas-de-força servindo como vestimenta. À Casa Verde, a nobreza colonial da terra, à cidade, a nova ordem por um projeto de expansão dos negócios, como bem o prova o advento alienista, às portas da modernidade, conformado pelo domínio e posse sobre os homens. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, a iniciativa liberal-escravocrata.<sup>57</sup> Nesse sentido, o filme discute a partir de conjunturas históricas específicas, também o momento em que é pensado e realizado, período de perseguição política, supressão de liberdades, e, sobretudo, proletarianização da classe trabalhadora por uma economia de arrocho salarial e endividamento do país, por projetos submetidos à intensa corrupção, quando a classe dominante concentra terras e privilégios. A ditadura de 1964 cuidaria do discurso nacionalista como quem reserva o dinheiro da exploração no colchão de dormir, e se declara doente para não sair da cama. À reclusão os que acreditassem de boa fé na patuscada da ideologia do desenvolvimento da nação, o bolo que depois de crescido se divide. No filme, a opulenta D. Evarista vai interna aos brados de um libelo pelo progresso, que faria inveja a muitos dos propagandistas do governo militar da década de 70.

Eu mandarei construir uma cidade nova, a mais nova e bonita do mundo. Mil navios, milhões de léguas de estradas, trens de ferro, arsenais, fundições, tecelagens, máquinas a vapor, engenhos, plantações, criações de gado, hortas e pomares na cidade nova, no meio da floresta, mandarei construir... Não esquecerei as igrejas, catedrais góticas e romanas, ornadas de ouro e prata, de mil riquezas escondidas de nossa terra.<sup>58</sup>

Padre Simão conduz aquele arroubo idealista para o seu santuário, o bem protegido e cômodo palácio manicomial, incentivando-a a prosseguir seu discurso sobre o futuro de Serafim. Ao que D. Evarista leva ao paroxismo a, pacífica e sem contradições,

---

<sup>56</sup> **AZYLLO muito louco.** Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil: Ipanema films, 1970. 1 filme (100min), aproximadamente minuto 43

<sup>57</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 2006.

<sup>58</sup> **AZYLLO muito louco.** Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil: Ipanema films, 1970. 1 filme (100min), aproximadamente minuto 46

ideologia nacionalista: “o futuro de todo o Brasil, sem miséria e sem escravos”.<sup>59</sup> Dito isso, padre Simão acomoda a nova hóspede, fecha e trava a porta do seu novo claustro.

### **O PLANO DE SERAFIM: O FILME/CIDADE.**

Assim como não se resume a política de saúde pública ao acesso aos serviços de atendimento - sendo antes o direito de participar da definição do que se postula como saudável e desejável para a reprodução da vida em condições de alegria -, tampouco a política e a cidade, como espaço público, vêm a ser uma somatória de personagens representando seus próprios papéis. Nelson Pereira dos Santos encena Serafim. Faz a cidade liberal planejada porque a reduz à condição de ser habitada por personagens, ou, termo mais adequado, profissionais.

Serafim aproxima os homens sob a condição de serem orquestrados, como se evidencia na sequência que encerra o filme. O seu espaço público é encenado. Até mesmo a cultura popular de uma ciranda aí aparece como expressão de organização, e não como dimensão da práxis presente ao seu próprio fazer-se, criação aberta no campo do possível. A experiência em Serafim está submetida ao pressuposto da lógica e dos princípios, afeita aos arroubos dos pensamentos grandiloquentes do gestor Simão, o regente, maestro do carnaval da loucura inventada pela sociedade de classes. Ao fim do filme, cidade, natureza e história se separam, criadas como sistemática, para juntar-se num modelo. Homens, montanha e criação ganham sua condição de objeto e se estilhaçam em peças de um quebra-cabeça. O corpo e o comportamento, enfim, aparecem inventados como gestos, determinação, mecânico ensaio de uma ópera. Serafim se reinventa como sociedade hierarquicamente fundada. Daí, então, o filme, diferentemente do conto, não terminar no espaço da reclusão do manicômio, mas antes nos limites da cidade/pasto, evidenciando que a vida se desenrola com objetividade de gado, distintos aí os de exibição e os de corte. Se Nelson Pereira dos Santos nos apresenta, como primeira imagem, um cérebro simétrico em divisões e metades, é com a cidade encenada que ao final somos brindados, a vocação totalizadora de uma organização submetida pela linguagem estrutural dos planos e das tomadas de cena. E parecerá sempre imagem terrível a cidade que pretender equivalência integral com a experiência planificada, sob o risco de

---

<sup>59</sup> **AZYLLO muito louco.** Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil: Ipanema films, 1970. 1 filme (100min), aproximadamente minuto 47

vivermos numa ditadura de imagens e representações, em ocultamento talvez das monstruosas e loucas realidades da exploração, num destino hollywoodiano de cidade cinematográfica.

O filme de Nelson Pereira dos Santos, com o tema do controle sobre os corpos e a submissão da cultura em perfeito alinhamento com a ordem e a razão, dá testemunho de que vivemos numa sociedade capitalista, e assim viviam (ainda mais contundentemente) os trabalhadores e trabalhadoras ameaçadas pela violência política, física e psicológica do Estado brasileiro na ditadura civil-militar de 1964 a 1985. Apesar de tudo, insistimos em não julgar apazíveis os projetos que nos propõem, ou aceitá-los passivamente. O projeto de um **Azylo**, ou de um exílio em terra própria, não é vitorioso. A orquestração da vida, investida final do padre-doutor, ainda não é a conquista do sucesso de uma bandinha militar (ou o que seria a música dos seus compassos simétricos). Dessa forma, pode-se observar a trilha sonora do filme **Azylo muito louco** como uma esperança, suas marteladas dramáticas e rasgos dissonantes são um convite à criação, obra dos sujeitos históricos, de homens e mulheres que inventam a possibilidade da história, tanto quanto insistem em sua loucura, pois afinal, tanto no filme, quanto no conto de Machado de Assis, é sempre o projeto alienista que se dobra e se reformula frente à insistência da vida em não se dobrar ou deixar inteiramente reformular. A organização do trabalho como sentido e prática compartilhada de ideológicos elementos sociais comuns, no modo de produção capitalista, vem pela contradição básica da exploração e da luta de classes, quando se impõe aos produtores reais a condição de não serem os proprietários dos meios de produção. Portanto, como modo de produção e reprodução da vida, o capitalismo inviabiliza a igualdade em condições de participação equânime junto ao poder social. Qualquer esforço de democracia, como a busca por uma forma de sociedade que se pretenda social e economicamente justa deve partir do pressuposto do que seja público, daquilo que a todos pertence. A condição de estarmos injungidos pela detenção ou não de recursos financeiros alcança um sentido cultural em nossa sociedade. É o nosso modo de vida global que é atingido por não podermos ter acesso ao mundo e à vida senão pelo dinheiro.

Machado de Assis e Nelson Pereira dos Santos ecoam prospectivamente, do momento em que produziram as obras aqui destacadas, dimensões de resistências políticas que mais recentemente, na década de 80, vimos surgir no Brasil como luta antimanicomial. Cena surpreendente em **Azylo muito louco** é aquela em que aparece o

rosto de Simão Bacamarte dividido ao meio, tendo ocultada sua metade, como que a evidenciar que é homem, ou, nas palavras de Foucault, um rosto, pronto a desvanecer na orla do mar, como uma escultura na areia, tão logo uma onda o desfaça.<sup>60</sup> Não intimidados ou vencidos pela condição das servidões voluntárias tal como demonstradas por La Boétie,<sup>61</sup> mas antes convicto em evidenciar que fracassam esses voluntarismos no campo da história, o filme de Nelson e o conto de Machado são um libelo à esperança e à luta.

**RECEBIDO EM: 04/11/2014**

**PARECER DADO EM: 15/02/2015**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

---

<sup>60</sup> FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 536.

<sup>61</sup> LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1982.